

GUARATINGUETÁ

Guará, ou guaraz, é o nome de um pássaro do Brasil, branco em pequeno, cinzento depois, e que se torna por fim vermelho. É a *íbis rubra* dos naturalistas. Os indígenas enfeitam com as penas de suas asas as canas de guerra, que ficavam como empavesados com a vívida plumagem.

Tinga quer dizer *branco*, e *eté*, *muito*; destas três palavras compôs-se o nome *Guaratinguetá*, ou *guará branco*, que se deus no norte da província de S. Paulo a uma de suas mais populosas cidades.

Fica esta povoação a duas léguas e meia adiante de Lorena, seguindo a estrada geral da capital.

O caminho que atravessamos desdobra-se por terrenos ligeiramente ondulados, e a vista descortina as mais agradáveis disposições do solo, indo fechar-se o leito dos vales aos pés das duas grandes serras da Mantiqueira e Bocaina, que estampam o seu dorso recostado nos últimos limites do horizonte.

A vegetação que em todo êste espaço se observa é menos opulenta do que a da província do Rio de Janeiro, ao menos nos pontos que visitamos, e apenas em um outro ponto se vêem levantar tufos de arbustos e alguns grupos de árvores mais ou menos corpulentas.

Depois de duas horas de marcha regular e suave, entramos em uma espécie de viela estreita e tortuosa, orlada de velhos e mesquinhos casebres, que desemboca em uma calçada ladeirante e pedregosa, a qual vai dar a uma praça de aspecto desolador e quase repugnante, e estávamos na cidade de Guaratinguetá!

Êste é o plano geral do sistema adotado até hoje para o aformoseamento da povoação, e norma das construções prediais, que pouco tem sido alterada.

As ruas quase tôdas do mesmo gôsto, e da mesma desagradável aparência as suas praças e largos, a quem com razão se deve chamar *pátios*.

No entanto existe atualmente neste município, fazendo um cálculo aproximadamente sôbre a estatística de 1855, que computava a população em 32.000 habitantes, talvez muito para cima de 34.000 almas!

Parece uma cidade esta que acordou de um letargo de alguns séculos, e se envergonha, em presença de suas irmãs elegantes e garridas, do papel que representa de anacronismo de taipa!

Até a sua municipalidade, ao inverso da de Lorena, dorme o sono da inércia, enquanto os bois, as vacas, os carneiros e os porcos ruminam tranquilamente nas praças públicas os despojos do último mercado, e parecem rir da fidelidade com que se cumprem as posturas da câmara!

Os edifícios públicos correspondem aqui perfeitamente às construções particulares.

A matriz, templo de vastas proporções, está edificada em um alto, no meio de outras propriedades, sem ter uma praça onde sobressaia a sombria, mas severa arquitetura de sua fachada!

Foi ela edificada pelos fiéis, e limitadíssimo auxílio tem recebido até hoje dos cofres provinciais. Tem por padroeiro a Santa Antonio. Uma das cousas mais dignas de admiração que ali se observa é a capela do SS. Sacramento, tôda dourada, obra de bastante gôsto e arte, mandada construir a expensas do finado alferes Antônio de Paula e Silva, cidadão distinto por suas virtudes, e que ainda hoje é chorado pela pobreza, de quem foi sempre infatigável protetor.

Além da matriz, existem na cidade as igrejas do Rosário, de S. Gonçalo, Santa Rita e a capela de S. Miguel.

No município há mais seis capelas, que, à exceção da consagrada à Senhora da Aparecida, estão em abandono.

A cadeia e a casa da câmara, juntas em um mesmo edifício, são sofríveis, se bem que a primeira reclame urgentes reparos.

Esta povoação é uma das mais antigas da província, pois a sua fundação data de 1651. Jacques Félix, segundo Pedro Taques, penetrou aqui, estando ainda em sertão inculto êste lugar, e com gentios habitadores dêle, pelo rio Paraíba, que vai correndo a introduzir-se nos campos dos Goitacazes, em 1646.

“Era o intento principal desta expedição, continua o citado autor, o descobrimento de minas, para cujo efeito obteve provisão, data do Rio de Janeiro no mesmo ano de 1646, de Duarte Corrêa Vasques Anes, como administrador das minas. O capitão Domingos Leme foi o fundador desta vila, na qual tendo levantado pelourinho por ordem do capitão-mor ouvidor Dionísio da Costa, em nome do donatário D. Diogo de Faro e Sousa, a 13 de fevereiro de 1651, lhe fêz as justiças em 5 de julho de 1656 o capitão-mor ouvidor em nome do donatário Luís Carneiro, conde da Ilha do Príncipe.”

A primeira igreja que se levantou aqui era coberta de palha e se levantou aqui era coberta de palha e suas paredes foram construídas a mão.

A cultura principal dêste município consiste no café, que anualmente exporta entre quinhentas e seiscentas mil arrôbas.

Cultiva-se também a cana, de que se faz a rapadura bastante para o consumo local; fabrica-se algum açúcar, e faz-se em grande escala a cultura de gêneros alimentícios.

A instrução pública nesta província, de que é inspetor neste distrito o Sr. Dr. Flaminio Antônio do Nascimento Lessa, deputado à assembléia provincial, dá êste resultado:

Duas particulares, por	48
Uma do sexo feminino, por	30
Cadeira de latim e francês, por	16
Colégio particular de meninas, por	16
Soma	225

No t ermo há muitas outras escolas, e o que   singular   que o número dos alunos que freqüentam estas aulas seja muito inferior ao dos que se matriculam todos os anos!

Há nesta povoa o dois cemiterios, ambos situados fora da cidade: um pertencente   irmandade de S. Miguel, pequeno, porém, decente, e com uma capela; o outro   irmandade dos Passos, mas   aí que se sepultam todos os cadáveres das pessoas que falecem dentro da cidade;   espaçoso, murado, vêem-se nêle algumas carneiras destinadas aos irmãos.

Em Guaratinguetá conta-se também um teatro construido de improviso, e que não está ainda forrado nem assoalhado.   de pequenas dimensões e não possui quase nenhuma das condi es artísticas exigidas neste g nero de edifícios.

As necessidades mais urgentes do lugar são: primeiro de tudo, a constru o de um chafariz, pois que todos bebem ali únicamente a água do Paraíba, e depois a cria o de um hospital de Misericórdia, e providências eficazes para a remo o de grande número de morf ticos, tanto de Minas como de outras províncias, que habitam em tôda a extensão a estrada até S. Paulo.

No alto de uma das calçadas de Guaratinguetá v -se uma grande cruz de pau, pintada de preto, que, dizem, foi colocada ali para se encostarem as outras cruzes nas procissões de penitência.   o que a respeito dêste madeiro t sco, mas solene, conta um velho octogen rio residente nesta cidade.

A cruz que atualmente existe substitui a antiga, que já caiu e tendo esta sido benzida pelo atual vigário de Guaratinguetá, o Sr. padre Ant nio Martiniano de Oliveira, varão de grande piedade e virtudes, que simboliza neste século – raro exemplo! – o verdadeiro sacerdote segundo os preceitos da moral evangélica!

  tão raro encontrar em nosso tempo, e sobretudo em nosso clero onde tantos de seus p rcos são mais do que past res de ovelhas, um dêstes vultos venerados votados ao benefício da humanidade e   prática sincera da religião, que não devemos passar por diante dêle sem o contemplar por um momento.

O atual vigário de Guaratinguetá   um verdadeiro apóstolo do cristianismo. A sua vida   uma aspira o ao infinito, uma adora o a Deus e um compêndio de piedade e abnega o.

Assim como há exploradores do ouro e das grandezas mundanas, também os há dos sentimentos nobres e generosos do cora o humano. Êste cumpre a sua romaria terrestre consolando os infelizes, enxugando as lágrimas aos que sofrem, mitigando as mágoas aos que se debatem nas  nsias das dores físicas e ainda mais no abatimento das lutas morais, inspirando a f  aos que se desviam na impiedade ou no desespero, e levando, a tôda a parte onde o invocam e são precisos, os socorros da religião, a crença, a esperança e a consola o do amor e do espírito divino.

A sua vida não se descreve em duas linhas descoradas. Seria preciso a pena de S. Crisóstomo para traçar nesta biografia a norma que deve servir de modelo ao nosso clero.

O padre Manuel Martiniano de Oliveira   um homem de 40 annos, magro, erecto, e cujo aspecto faz lembrar o semblante austero de S. Jer nimo. A sua palavra   grave e perplexa, como quem não encontra na linguagem humana frases com que traduzir a sublimidade dos sentimentos que o dominam e as santas idéias que o preocupam.   um peregrino do céu que cumpre resignado, porém benéficamente, a sua peregrina o na terra.

Respeitado por todos os seus paroquianos como um missionário de consola o e de paz, os ricos e os pobres curvam-se, por assim dizer, involunt riamente,   sua passagem. Dorme pouco, ora e cisma, e trabalha com infatigável ardor em benefício do rebanho que a Igreja confiou ao seu z lo. As suas práticas são li es de moral cristã, as suas admoesta es conselhos de amigo, e até o seu próprio silêncio   de uma austera e grave eloq ncia.

Entre as obras pias a que ligou seu nome nesta paróquia merece principal men o o *Asilo Religioso das Irmãs do Bom Pastor*.

Vendo o grande número de pobres e desgraçados que avulta neste município, e a perdi o a que se acham constantemente expostas as donzelas e as órfãs, lembrou-se, com um pensamento verdadeiramente cristão, e a exemplo de Mme Lamuru, fundadora da celebre institui o das Recolhidas de Bordéus, de criar em Guaratinguetá um asilo dêste g nero, em favor do qual invocou o auxilio dos fiéis.

Êste caridoso estabelecimento teve origem na casa patrimonial do reverendo vigário a 21 de outubro de 1856. Foi transportado depois para a Rua Nova da Ponte, e existe agora em um edifício de mais vastas acomoda es.

Metade da casa atual foi comprada   custa dêste santo varão e das esmolas do povo, e a outra metade cedida pela finada D. Ant nia Francisca das Chagas Paula, bem como o terreno adjacente. Tem recebido êste recolhimento cinqüenta e sete recolhidas, das quais existem trinta, sendo vinte e duas órfãos e menores.

  agora diretora dêste asilo D. Maria Rosa de Jesus, e sub-diretora D. Mariana Ant nia de Jesus, senhoras de grande considera o e reconhecida probidade. Tem-se mantido até ao presente êste

estabelecimento com o produto do trabalho das recolhidas e as esmolas de muitos fiéis que têm coadjuvado tão santa instituição.

No dia 21 de maio do corrente ano (1860) o digno vigário celebrou a primeira missa no oratório que mandou construir aqui para as recolhidas assistirem aos santos sacrifícios e receberem os sacramentos, até que possa erigir-se uma capela, sem terem que se expor às vistas indiscretas e curiosas da população.

O respeitável fundador dêste pio seminário pretende, fiado em suas fôrças e na boa vontade de seus comparoquianos, elevá-lo, assim que lhe seja possível, a maiores dimensões.

Basta o pensamento que inspirou a criação desta obra meritória, e os sacrifícios que têm custado a êste sacerdote a pô-la em prática, para se fazer uma idéia de sua piedade e virtude.

Guaratinguetá, como Lorena, também conta a sua figueira monumental. Êste gigante de vegetação, que nasceu de uma estaca de tropeiros, é duplamente digno de veneração. A ramagem que lhe sombreia o tronco colossal pode abrigar uma porção de cavaleiros. A base do tronco tem umas poucas de braças. É um templo de verdura levantado às portas da cidade, apontando em sua imponente majestade um fato importante nas tradições nacionais.

Vê-se aí entalhada a firma de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro I pelo seu próprio punho.

Quando o fundador do império foi ao Ipiranga proclamar a independência do Brasil, passou aqui na tarde de 11 de julho de 1822. Estêve em Guaratinguetá, hospedado em casa do finado capitão-mor Manuel José de Melo.

Aí pernitoiu êsse dia, e foi por essa ocasião que entalhou a sua inicial no tronco da figueira. A árvore hoje tem crescido a ponto que as letras P. I., que então ficavam na altura do braço de um cavaleiro, agora têm a elevação de mais de três homens.

O povo de Guaratinguetá, se não tem as largas aspirações de progresso que anima a maior parte das povoações modernas, é pacífico, morigerado e extremamente religioso, se bem que aí, como em tôda a parte, se encontrem ainda homens de instintos odientos e grosseira ignorância, que fazem lembrar a intolerância feroz das tribos bárbaras.

Os costumes populares pouco diferem dos adotados nos outros pontos da província que temos percorrido. Ao lado da mantilha zelosa, sob cujo véu transparente se vêem brilhar muitas vêzes olhos inquietos e provocadores, nota-se o detestável capote lançado pela cabeça, o que dá às mulheres o aspecto aterrador de máquinas ambulantes, fazendo no entanto, e é a única vantagem que lhe conhecemos, realçar o bom gôsto com que já se trajam algumas senhoras do lugar.

Existem em Guaratinguetá uma ou duas bandas de excelente música, que merecem a atenção do viajante.

O comércio e a indústria vão tendo aqui um desenvolvimento regular. Todos os domingos faz-se na cidade uma grande feira ou mercado, no largo do Rosário, onde os habitantes se suprem dos gêneros precisos para consumo doméstico durante a semana. Além de uma padaria e loja de barbeiro, existem outros estabelecimentos de mais ou menos importância.

Em Guaratinguetá há uma tipografia, que publica duas vêzes por semana um jornal com o título: *Mosaico*.

Se não fôsse indiscrição levantar o véu de modéstia sob que se ocultam os nomes de seus redatores, fá-lo-ia, retribuindo com efusão o abraço fraternal com que me acolheram; mas já que o não posso fazer, seja-me lícito agradecer-lhes daqui.

Antes de deixar Guaratinguetá, é preciso que aperte a mão de um amigo a quem devo o mais fraternal agasalho e as horas de amável conversação que gozei em sua companhia. É êle o digno e talentoso juiz municipal Dr. Sebastião.

São estas as notícias que em minha rápida passagem pude obter acêrca do município e cidade de Guaratinguetá, reservando para o seguinte artigo o que tenho a dizer sôbre a capela de Aparecida, assunto que merece um estudo especial.

Do Livro "**Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861)**", de Augusto Emílio Zaluar.